



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

PRIMEIRA ENTREVISTA COLETIVA À IMPRENSA

PRIMEIRA ENTREVISTA COLETIVA CONCEDIDA À IMPRENSA NACIONAL E INTERNACIONAL, NO PALÁCIO DO PLANALTO, A 31 DE MARÇO DE 1967, SEGUNDO O TEXTO PUBLICADO NOS JORNAIS DA MESMA DATA E DO DIA SEGUINTE

Ao iniciar hoje pela manhã sua primeira entrevista coletiva concedida à Imprensa Nacional e Estrangeira, no Palácio do Planalto, o Presidente Costa e Silva, antes de responder às perguntas dos numerosos jornalistas presentes, proferiu as seguintes palavras:

— Convoquei os Senhores para este breve encontro com a finalidade de estabelecer um primeiro contato direto com a Imprensa, depois de haver assumido a Presidência da República. Embora os quinze dias iniciais de um governo qualquer não possam ser fecundos na produção daquela matéria de que se nutrem os jornais, o rádio e a televisão, na nobre tarefa de corresponder às indagações da opinião pública, não quis adiar este primeiro diálogo procurando, situá-lo numa data significativa.

Hoje, 31 de março, completam-se 3 anos da vitória do movimento que, em 1964, irmanou a opinião pública brasileira ao pensamento e à ação das Forças Armadas na tentativa bem-sucedida de salvar a democracia de um naufrágio que parecia àquela altura irremediável.

A escolha desta data para o meu reencontro com a imprensa livre de meu País não foi a casual e tem um sentido simbólico a nós que chefiamos o Movimento de 31 de Março no âmbito militar e que teríamos fracassado se não contássemos com a opinião pública e com os órgãos que a exprimem. A data de hoje é, portanto, igualmente dos Senhores e podemos, neste momento, mutuamente nos congratular pelo fato de estarmos comemorando nesta atmosfera de liberdade e confiança que em meu governo será mantida, no que depender de nós, até o último dia do mandato.

Sei que alguns setores da Imprensa alimentavam até 31 de Março último um certo pessimismo, quanto à possibilidade de reentrarmos de fato nessa atmosfera de liberdade. Os primeiros anos foram muito du-

ros, mas chegamos, afinal, ao extremo da etapa revolucionária propriamente dita, podendo honrar o compromisso fundamental do Movimento de 31 de Março: corrigir os desvios a que havia sido submetido perigosa e criminalmente o sistema democrático entre nós, para que ele ressurgisse em curto prazo, revigorado e em condições de resguardar os direitos e as liberdades dos cidadãos e de garantir-nos a firmeza dos passos na senda do progresso e do destino glorioso que está reservado a este País no conceito das grandes nações.

Se a Revolução como processo heróico está encerrada, o que nela havia de substancial continuará no meu Governo e há de continuar, mercê de Deus, através dos mandatos dos presidentes que me sucederem.

LIBERDADE DE IMPRENSA

Concito os Senhores a que me ajudem a manter bem vivo este propósito, muito mais que uma intenção, um compromisso e um dever. A liberdade de imprensa é um dos pressupostos da democracia e para nós é sagrada. Procuraremos torná-la efetiva na medida em que o Governo assegure, como pretente, o acesso constante às fontes de informação, para que o povo possa saber o que estamos fazendo e julgar mais acertadamente os nossos atos.

IMPOSTO DE RENDA

A primeira resposta do Presidente foi dada à pergunta relacionada com os planos de Governo para reduzir o ônus que representa para os menos favorecidos a cobrança do imposto de renda. Reafirmou as intenções do Governo de materializar a redução da cobrança do imposto, anunciando que já estava decidida a elevação do teto e a cobrança que atualmente incide sobre os salários, além de 150 cruzeiros novos, e que passará para quatrocentos ou quinhentos cruzeiros novos mensais.

ERRADICAÇÃO DO ANALFABETISMO

Foi a segunda resposta relacionada com a erradicação do analfabetismo, à qual respondeu o Presidente que tal problema foi a tônica principal de todos os seus pronunciamentos. E afirmou que a situação em que se encontra o Brasil no setor educacional é realmente vergonhosa, pois apresenta o índice alarmante de cinquenta por cento de analfabetos. E anunciou o lançamento de campanha de âmbito nacional visando a convocar todos os alfabetizados a transmitir seus conhecimentos aos analfabetos.

À pergunta sobre o ensino superior, deu resposta com a mesma ênfase da anterior, afirmando que o problema do ensino superior exi-

ge dois tipos de tratamento, pois os males da educação, entre nós, têm aspectos agudos e crônicos. Para ilustrar o estado calamitoso do ensino superior no Brasil, disse que a Argentina, com vinte milhões de habitantes, portanto um quarto da população do Brasil, possui 215.000 jovens matriculados em cursos superiores enquanto em nosso País o número é de apenas 135 mil.

Concluiu dizendo que o Governo tem que aparelhar as universidades e faculdades para que recebam maior número de alunos, pois pretende duplicar o número de matrículas.

ESTUDANTES E TRABALHADORES

Perguntado sobre se tinha planos de conciliação com trabalhadores e estudantes, respondeu afirmando ser desagradável que alguém perguntasse tal coisa. E frisou: — Essa conciliação existe naturalmente. Para que existe o Governo? Não é justamente para proporcionar o bem-estar de todas as classes? E quais são as classes que devem merecer especial atenção do Governo num país jovem como o Brasil, em pleno desenvolvimento? Justamente aqueles que trabalham, a classe dos trabalhadores. Aqueles que estudam».

Prossiguiu afirmando que será dos primeiros a agir se houver atritos quando o Governo tem que trabalhar e deve trabalhar para que essas duas classes prosperem e vivam em condições de ajudar o País.

UNIÃO NACIONAL

Sobre os objetivos programáticos enunciados por alguns ministros, notadamente os Senhores Hélio Beltrão, Delfim Netto e Magalhães Pinto, e os objetivos também programáticos da Oposição, que revelam certa semelhança, respondeu dizendo que o governo de um país não é somente uma parte política, mas é um todo que compreende inclusive, a oposição, porque a oposição é fiscalização, é crítica e ninguém pode ter a pretensão de acertar sempre, e concluiu à resposta afirmando que haverá união nacional em todos os problemas máximos.

PODER SOBERANO DO CONGRESSO

Ao esclarecer as relações do Executivo com o Legislativo, afirmou não crer que o Executivo precisasse estimular o Congresso para votação e solução de determinadas leis que implicam profundas modificações e com grandes resultados para determinadas classes.

E perguntou se porventura os homens que estão no Congresso cientes da soberania do Poder Legislativo, precisam de estímulo. E afirmou que o Congresso, que possui homens de alta sabedoria e alto gabarito, pode estudar e decidir afinal e o Governo, usando de direito que já a Constituição lhe confere, poderá vetar ou não.

COMBATE À MISÉRIA

Ag responder à pergunta em torno do combate à miséria, esclareceu ser tal problema tão importante que em todos os seus pronunciamentos, sem ter ouvido ainda a opinião de Paulo VI, na sua última Encíclica, abordava o problema dentro dos mesmos princípios e ideais e afirmou que a miséria é problema de todo o Mundo, dizendo que em países altamente desenvolvidos existe a miséria, como nos Estados Unidos, onde existem cerca de 35 milhões de pessoas que vivem em estado de miséria.

REAPARELHAMENTO DA NAVEGAÇÃO

No correr da entrevista prometeu o Presidente incentivar o reaparelhamento da nossa navegação de cabotagem e fluvial, indicando que, possuindo o País tantas vias navegáveis, utiliza o caminhão e o avião como principais meios de transporte, quando se sabe o altíssimo custo que ele representa e quando se sabe o custo de um quilômetro de estrada pavimentada.

E citou a utilização dos rios europeus, onde é grande o aproveitamento da navegação fluvial, sendo tão grande o movimento que talvez precise até do Coronel Fontenele para disciplinar o tráfego.

MINISTÉRIO É DEFINITIVO

Afirmou o Presidente que o Ministério não tem, absolutamente caráter experimental, acrescentando: «Para mim ele é definitivo». E a seguir disse do empenho do Governo em completar a implantação da rede nacional de telecomunicações, embora reconhecendo o alto custo dos equipamentos e da instalação.

GOVERNARÁ DE BRASÍLIA

Ao perguntar ao Presidente Costa e Silva se pretendia mesmo governar de Brasília, o Jornalista Heron Domingues afirmou que Brasília era uma ilha sem comunicações. Respondendo, o Presidente disse que mesmo no Rio de Janeiro, às vezes querendo falar com São Paulo, a telefonista pede doze horas de espera. E prosseguiu: «Aqui em Brasília não esperarei mais do que meia hora. Esta posição do Governo não representa isolamento. Falo, agora, com Recife, se quiser. Brasília existe, não iremos deixar que Brasília se transforme em tapera».

E continuando na resposta: «Ontem mesmo, conversando com o Ministro das Comunicações, vi que as ligações com Brasília se irradiam rapidamente na mesma distância para todo o Brasil. Estamos no ponto central de onde poderemos governar a administrar o Brasil». E

concluiu: «Diga ao Heron Domingues que eu lamento. Que ele traga toda a sua equipe para Brasília que ele vai encontrar um ambiente formidável». Quando respondeu à pergunta sobre a formação de partido político pelos Senhores Carlos Lacerda e Juscelino, disse que o primeiro poderia fazê-lo, mas o segundo não, pois estava com os direitos políticos cassados. E disse depois que muitos políticos estavam no exílio voluntariamente e outros estavam porque não podiam voltar, pois não poderiam voltar sem sofrer sanções penais a que estão sujeitos. E concluiu afirmando que não há restrição para alguns voltarem.

RESPOSTAS DE IMPROVISO

Jovial, sereno, tranqüilo e preciso nas respostas, o Presidente Costa e Silva, causou a melhor das impressões ao conceder a sua primeira entrevista coletiva à imprensa, não só pela maneira simpática com que abordou os problemas brasileiros como pelas mensagens de esperanças que através dos órgãos de divulgação buscou transmitir ao povo brasileiro.

Durante a entrevista estiveram sentados ao lado do Presidente os Chefes dos Gabinetes Civil e Militar e na ponta esquerda da mesa os Jornalistas Heraclio Sales, Secretário de Imprensa, que fez a chamada dos jornalistas para formular as perguntas; de pé, à direita, postados em linha, ficaram os componentes do Gabinete Civil e à esquerda os do Gabinete Militar.

Foi a entrevista assistida pelos Ministros da Marinha e da Aeronáutica, Chefe do Serviço Nacional de Informações e por alguns parlamentares.

Iniciada na hora prevista, às 9h50min, sendo encerrada às 10h45min, os textos das respostas preparados com antecedência foram abandonadas pelo Presidente Costa e Silva, que preferiu responder de improviso, recorrendo apenas vez por outra ao texto escrito para esclarecimento.

No correr da entrevista, o Presidente valeu-se algumas vezes de esclarecimentos do Senhor Rondon Pacheco, relativos a dados numéricos principalmente.

Fora decidido que o Presidente não responderia a perguntas relacionadas com a política internacional, mas decidiu prestar uma homenagem ao decano dos jornalistas estrangeiros, Michael Fielde, do «Daily Telegraph» de Londres, permitindo que este formulasse uma pergunta, a pergunta do jornalista inglês versou sobre o problema brasileiro de energia elétrica.